

Autora de *Um verão na Itália*

Carrie Elks

Um
de amor
inverno

As Irmãs
Shakespeare
LIVRO 2



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Tersi

Capa e projeto gráfico

André S. Tavares da Silva

Imagens da capa

Pexels | Pixabay (paisagem)

Kamal Bilal | Unsplash (mulher)

Diagramação da versão impressa

Juliana Brandt

Título original

A Winter's Tale

The Shakespeare Sisters, book 2

ISBN: 978-85-7686-764-7

Copyright © Carrie Elks, 2018

Publicado originalmente na Grã-Bretanha, em 2017, pela Piatkus.
Edição publicada mediante acordo com Bookcase Literary Agency.

Tradução © Verus Editora, 2019

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

E42a

Elks, Carrie

Um amor de inverno [recurso eletrônico] / Carrie Elks; tradução Andreia Barboza. - 1. ed. - Campinas [SP]: Verus, 2019.

recurso digital (As irmãs shakespeare; 2)

Tradução de: A winter's tale

Sequência de: um verão na itália

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-764-7 (recurso eletrônico)

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15



Não tenho obrigação de ser amável no que te responder.

— *O mercador de Veneza*

— Kitty Shakespeare — ele disse olhando para ela, seus lábios se curvando em um sorriso. — Esse nome não é comum. De onde vem? — Drake Montgomery era o assistente executivo do famoso produtor de cinema Everett Klein. Ele equilibrava o currículo dela no colo como um guardanapo em um restaurante. As pernas compridas estavam cruzadas diante de si, os cotovelos, apoiados nos braços da cadeira. Ao lado dele havia uma bela mulher, que se apresentara como Lola, sem dar nenhuma pista sobre seu cargo ou motivo para estar lá. Do outro lado estava a assistente do sr. Klein, Sheryl. Mais velha, com óculos que deslizavam continuamente pelo nariz, levando a uma constante batalha com o dedo. Ela os empurrava para cima e os óculos deslizavam para baixo. Era quase hipnótico assistir.

Respirando fundo, Kitty olhou ao redor da sala. Como todas as outras nas quais fora entrevistada, também era terrível e impessoal. Muito tempo antes ela abandonara a esperança de ser recebida no escritório do produtor, onde não havia dúvidas de que as paredes estavam repletas de cartazes de filmes e fotografias de atores, e as prateleiras, abarrotadas de prêmios constantemente espanados. Uma simples estagiária — nem estagiária; apenas uma aspirante — não merecia entrar no

santuário e, certamente, não seria apresentada ao produtor em pessoa. O que, no caso de Everett Klein, parecia mais uma bênção do que qualquer outra coisa. Um dos melhores produtores de Hollywood, o homem tinha uma reputação que despertava terror em todos que entravam em contato com ele. O cara era um ícone e tinha um temperamento que combinava.

Claro que todo mundo queria trabalhar para ele. Um estágio na Klein Produções seria como conseguir uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood. De acordo com seu orientador na UCLA, até mesmo Deus parava de falar sempre que Everett Klein abria a boca.

A cada segundo que se passava, ela sentia seu ritmo cardíaco aumentar. Odiava entrevistas. Detestava falar sobre si mesma. Toda vez que abria a boca, sentia o rosto esquentar até se parecer com um morango maduro. Não era de admirar que ainda não tivesse conseguido um estágio.

Drake ergueu o currículo dela na altura dos olhos, franzindo a testa, como se fosse a primeira vez que estivesse lendo os detalhes. Em seguida, colocou o papel de volta na mesa, dobrando as mãos com as unhas muito bem-feitas no colo. Seus olhos a observaram, analisando-a. Estaria ele olhando suas unhas roídas? Ela conscientemente se ajeitou na cadeira, tentando esconder as mãos sob o corpo enquanto mantinha o sorriso cordial nos lábios.

— Kitty é o nome que a minha irmã mais velha me deu quando nasci. Ela disse que eu parecia tão fofa enrolada num cobertor que achou que eu fosse um gatinho. O nome pegou. — Ela olhou para ver se ele acreditava. Era uma meia verdade, afinal. A verdade nua e crua era muito menos emotiva.

De acordo com a tradição familiar, foi Lucy, a mais velha das três irmãs, quem lhe dera o nome; o resto era invenção. Na verdade, sua mãe voltou da maternidade, com Kitty recém-

nascida nos braços, e disse às meninas que tinha um presente para elas.

— Um bebê? — Lucy dissera, com evidente aversão. Ela já tinha duas irmãs. Por que precisaria de mais uma? — Eu preferia ganhar um KitKat.

Pois é, Kitty não planejava dividir aquela informação com o perfeitamente penteado Drake Montgomery.

— E você é britânica? — ele perguntou, como se o sotaque e o lugar de nascimento em seu currículo não fossem suficientes para convencê-lo.

Ela podia sentir as gotas de suor que se espalhavam em sua testa. Por que seu pé não parava de bater? Ela realmente precisava se concentrar.

— Exato. Nasci em Londres. Mudei para cá no ano passado para fazer um curso de pós-graduação em cinema. — Ela se sentia autoconsciente de novo. Engoliu em seco, embora sua boca parecesse tão seca quanto o deserto. Todos eram intensos demais enquanto a encaravam. Sentia-se mais um objeto do que uma entrevistada.

— E antes disso você trabalhou com crianças? — Ele estremeceu, mostrando os dentes perfeitamente brancos.

— Sim, eu fui babá por alguns anos. — Ela assentiu vigorosamente. Estava tentando compensar demais? Definitivamente, estava quase hiperventilando. — Depois que terminei a graduação, não tinha certeza do que queria fazer, então consegui um emprego com um casal americano que vivia em Londres.

Ao contrário da maioria dos colegas na UCLA, ela não entrou logo na graduação. Não podia entrar, para começar. Passou dois anos guardando dinheiro para pagar o ano aqui.

— Deve ter sido interessante. — Sheryl, a outra assistente, ofereceu um leve sorriso. — Imagino que seja mais ou menos

como procurar atores talentosos.

— Só que as crianças fazem menos birra — Lola se juntou a eles com uma voz inexpressiva.

— Bem, sim. — Drake limpou a garganta e então mudou rápido de assunto, como se o assunto “crianças” pudesse ser contagioso. — O que te fez decidir se mudar pra cá para estudar?

Kitty pegou o copo de água que Sheryl gentilmente colocara na mesa de frente para ela, levando-o até os lábios para umedecê-los. Sentia o coração batendo forte enquanto tentava se lembrar das palavras que ensaiara repetidamente no espelho. Como era possível explicar a maneira como os filmes a salvaram quando criança? O jeito como ela imergia na tela de prata, se vendo confortada por estranhos, fingindo ser outra pessoa. A maneira como sonhara ter o tipo de família de Hollywood que só existia em contos de fadas.

Ela tomou um gole de água, observando o olhar cheio de expectativa de Drake quando colocou o copo sobre a mesa.

— Eu sempre quis trabalhar com filmes — disse em voz baixa. — Desde muito nova, era fascinada por eles. Não só pelas histórias, mas pelo jeito como são feitas também. — Ela sorriu. — Eu quero transportar as pessoas para outro mundo, tirar suas preocupações por uma hora ou duas. Quero inspirar e entreter, e fazer as pessoas saírem do cinema querendo mais.

Isso pareceu muito melhor quando dito na frente do espelho. Para começar, sua voz não tinha soado vacilante. E ela também não estava se retorcendo em uma cadeira de plástico duro.

Lola verificou o telefone e então sussurrou rapidamente na orelha de Drake, com a voz baixa demais para distinguir suas palavras. Os olhos do homem se arregalaram.

— Avise que estou ocupado — ele sussurrou de volta. Ele pegou seu próprio aparelho, engolindo com dificuldade enquanto lia a tela. Então apertou o botão na lateral que colocava o celular no silencioso. A moça deu de ombros e digitou uma mensagem no próprio telefone, sem se preocupar em olhar para cima.

As mãos de Kitty começaram a tremer. Em quantas entrevistas como essa já estivera? Já perdera a conta. As cartas de rejeição se acumulavam na mesa do apartamento que compartilhava com outras três garotas em Melrose, e essas vinham daqueles que se preocupavam em responder. Esta aqui parecia ainda pior — era como se eles tivessem esquecido que ela estava presente. As gotas de suor que se agarravam à raiz do cabelo finalmente começaram a deslizar pelo rosto quente.

Uma vibração cortou o silêncio carregado da sala. Drake verificou a tela do telefone de novo, estremecendo ao ver quem ligava.

— Merda — sussurrou, claramente não querendo ser ouvido. — Agora ela está me ligando.

Limpando a garganta, ele olhou para Kitty.

— Eu preciso atender — disse, deslizando o polegar sobre a tela e levando o celular à orelha. — Drake Montgomery. — Ele fez uma pausa enquanto ouvia a pessoa no outro lado da linha. — Não, o sr. Klein está no set hoje. Ele não pode ser incomodado. Deixou instruções estritas para que não encaminhássemos nenhuma ligação. — Outra pausa enquanto ele estremecia de novo. A pessoa do outro lado da linha claramente não estava satisfeita com a desculpa. — Eu entendo, sra. Klein, de verdade. Deve ser horrível. Mas, ainda assim, eu não posso levar o meu telefone para ele.

O grito que resultou da sua recusa ecoou pela sala. Drake afastou o aparelho da orelha e seu rosto se transformou em

uma imagem de pânico.

— Você tem ideia de como é difícil conseguir uma babá por aqui? — a voz feminina se fez ouvir. — Eu preciso que o Everett peça alguns favores. Coloque-o no telefone agora, antes que eu perca a cabeça, Drake. É caso de vida ou morte.

Lola soltou uma risadinha, e Drake a encarou com os olhos arregalados.

— Só um instante, sra. Klein. Estou em uma reunião. Me deixe ir lá para fora. — Ele se levantou e cobriu a boca. Kitty não se atreveu a olhar para ele, pois estava com muito medo de rir também.

— Desculpe, eu tenho que ir, mas acho que temos o suficiente para tomar uma decisão — Drake se despediu. — A Sheryl vai te acompanhar até lá fora. Obrigado pelo seu tempo. — Com isso, fechou a porta atrás de si, deixando-a de boca aberta, olhando para as duas mulheres que estavam na sala.

Uma olhada no relógio indicou que ela estava ali fazia menos de dez minutos. Esse deveria ser um novo recorde. Era questão de tempo até que a carta de rejeição chegasse à caixa de correio, e ela a adicionasse à pilha que já tinha.

Oficialmente, era o momento de entrar em pânico.



Mesmo depois de viver em Los Angeles por um ano, ela ainda não tinha se acostumado com o clima ameno. Ao sair do prédio comercial que abrigava a Klein Produções, Kitty parou na calçada, sentindo o sol aquecer a pele enquanto caminhava em direção à garagem. Era início de dezembro, mas as temperaturas ainda estavam em torno dos vinte graus, quente o suficiente

para caminhar pela cidade sem casaco. Ela não conseguiu se lembrar da última vez que tinha chovido. Por aqui, um dia ruim consistia em poucas nuvens que, ocasionalmente, cobriam o sol. Não era de admirar que todos parecessem tão saudáveis e bronzeados o tempo todo. Era quase impossível não ser.

Em uma tentativa desesperada de parecerem alegres, as lojas e os escritórios que ficavam nas ruas haviam decorado as janelas, enchendo-as de neve falsa, enfeites e árvores que brilhavam com centenas de pequenas luzes. Mesmo com a falsa boêmia, era quase impossível se sentir animada com o Natal. Por um momento, pensou em Londres — as ruas molhadas, a escuridão que aparecia antes das quatro da tarde, as barraquinhas de castanha assada e os vendedores de chocolate quente, todas as imagens e aromas que faziam a época ser boa.

E nenhuma dessas coisas estava aqui.

Na verdade, era estranho que uma cidade cujo sustento dependia de vender a ideia do Natal norte-americano perfeito tivesse que fingir para si mesma.

Enquanto entrava em seu pequeno Fiat, ela sentiu o telefone vibrar no bolso. Deslizou as chaves na ignição, deixando-as penduradas ali antes de pegar o celular e checar quem estava ligando.

Cesca.

Havia algo em ver o nome da irmã que sempre a fazia sorrir. A mais nova das quatro, Kitty sempre tentara ser como as outras, e, mesmo já adultas, sempre esperava conversar com elas.

— Alô?

— Kitty? Como estão as coisas por aí? — A voz de Cesca soou calorosa. — Está caindo o mundo aqui. Falei para o Sam que, da próxima vez que ele quiser filmar em uma locação, precisa escolher um lugar quente e com praia.

— Achei que ele tivesse parado com aquela coisa de salva-vidas. — Sam Carlton, o namorado de Cesca, era um ator ítalo-americano, mais conhecido pelo seu papel nos filmes da série *Brisa de verão* — uma franquia de filmes sobre um galã sexy adolescente. Eles se conheceram no verão anterior, quando ficaram em uma *villa* na Itália. Ela passara horas ao telefone dizendo às nossas irmãs como ele era arrogante e como o detestava, quando todas sabiam que ela estava se apaixonando. O resto foi história de Hollywood. Ele declarou seu amor por Cesca em um programa de tevê e depois voou para Londres para conquistá-la.

Uma das melhores partes da vida em Los Angeles tinha acontecido quando Cesca e Sam estavam na cidade. Infelizmente, suas visitas eram muito raras nos dias de hoje.

— Existe um limite para personagens torturados e encharcados de chuva que eu posso aguentar. Me dê o Sam com um short vermelho e nada mais qualquer dia.

— Um milhão de garotas americanas concordariam com você. — Kitty sorriu. — Houve protestos quando ele disse que não iria mais protagonizar os filmes da série *Brisa de verão*.

— Sim, bem, ninguém é insubstituível. Nem mesmo o Sam. E não conte para ele sobre essa coisa de um milhão de garotas. Ele já é metido o suficiente. — A voz de Cesca baixou um tom. — E você, como está? Alguma novidade sobre o estágio?

— Acabei de sair de outra entrevista — Kitty respondeu. Ela inclinou a cabeça para trás, de encontro ao banco, as pernas se esticando até seus pés baterem nos pedais.

— Como foi?

— Tão boa quanto as outras — disse. — O que significa terrível. Fiquei suando e em pânico de novo, e falei coisas idiotas. Até inventei uma história boba sobre a Lucy me chamar de gato. — Era hora de encarar: ela era péssima em entrevistas.

— Toda vez que me faziam uma pergunta, eu me sentia como uma atriz que havia esquecido suas falas.

— Com quem foi? — O tom de Cesca era simpático. — Talvez o Sam possa fazer alguma indicação.

— Foi para um estágio com o Everett Klein.

— Ah. Hum, acho que o Sam não poderia dizer muito para fazer esse cara mudar de ideia. Ouvi dizer que ele é um babaca.

— Eu também — Kitty confessou. — Mas, para ser sincera, nem o conheci. Era o assistente dele quem devia me entrevistar. Mas ele nem conseguiu se concentrar em mim. Estava muito ocupado conversando com uma mulher que estava gritando com ele no telefone.

Cesca suspirou, e sua respiração suave ecoou pela linha.

— Você quer que eu peça para o Sam te dar uma força com isso? Ele deve ter contatos, e aposto que poderia te ajudar a encontrar um estágio em algum momento.

— Isso é muito legal da sua parte, mas não, obrigada. — Kitty fechou os olhos, bloqueando o raio de sol que atravessou as lacunas do muro de concreto. Não se sentiria bem pedindo ajuda a Sam. Ela não queria ser conhecida como a garota que só conseguiu um trabalho graças ao namorado da irmã. — Eu quero fazer isso sozinha.

— Não é vergonha pedir ajuda — Cesca falou suavemente. — Eu falo por experiência própria. Achei que podia fazer tudo sozinha e acabei cavando meu próprio buraco.

Os problemas de Cesca eram bem conhecidos entre as irmãs Shakespeare. Aos dezoito anos, ela escreveu uma peça incrível e ganhou um concurso para ser encenada no West End. O que veio depois foi uma decadência inacreditável em queda livre, deixando-a desamparada e deprimida, quase incapaz de se sustentar.

Graças a Deus ela estava se recuperando. Durante sua estadia na Itália, não só conseguiu se apaixonar por Sam como escreveu uma nova peça.

— Ainda não estou no fundo do poço — Kitty falou em voz baixa, embora às vezes se sentisse chegando lá. — Vou continuar tentando. Quem sabe eu consiga fazer uma em que não fique suando? Se as coisas piorarem, eu te falo, tá?

— Tá bom — Cesca pareceu relutante em concordar. — Mas, sério, pense na oferta. Às vezes a gente só precisa de um empurrãozinho.

— Vou pensar nisso — Kitty prometeu, sabendo muito bem que não o faria.

— Nós vamos te ver em Londres no Natal, né? — Cesca perguntou. — Já reservou as passagens?

Kitty mordiscou o lábio inferior, pensando em seu saldo bancário negativo. Ela realmente precisava fazer algumas horas extras no restaurante.

— Eu não planejei nada concreto — respondeu à irmã. — Te aviso quando tiver certeza.

Houve uma pausa momentânea. Kitty podia ouvir o barulho da chuva contra a janela, onde quer que Cesca estivesse.

— Faça isso — Cesca finalmente falou. — Porque você sabe que a Lucy vai nos perguntar sobre os nossos planos no domingo.

A mais velha das quatro irmãs Shakespeare, Lucy desempenhava o papel materno na família desde a morte da mãe, quando Kitty tinha só dez anos. Era ela quem cuidava de todas, se preocupava com todas e se certificava de que todas participassem da videoconferência uma vez por semana.

— Talvez eu trabalhe no domingo — Kitty falou, tentando se lembrar do seu turno naquela semana.

— Você pode correr, mas não pode se esconder — Cesca alertou. — Se você não ligar, sabe que ela vai te encontrar.

Havia prós e contras em ser a mais nova de quatro. Ser constantemente incomodada era um contra, mesmo que tanta preocupação a fizesse se sentir secretamente reconfortada por dentro.

Depois que elas desligaram, Kitty deu a partida no Fiat, dirigindo em direção ao apartamentinho onde morava em Melrose.

Ela precisava fazer uma pausa para se recuperar e descobrir como conseguiria encontrar um estágio. Seu futuro dependia disso, afinal.



O supervisor fez uma pausa no vídeo, virando a cadeira de couro preto para olhar para ela.

— Isso é ótimo, Kitty. Realmente criativo. Adoro o que você fez com os efeitos na segunda metade. — Ele clicou no mouse, arrastando o cursor na tela para destacar o que queria dizer. — Qual foi o orçamento para isso mesmo?

Praticamente nulo, graças aos atores desesperados por qualquer tipo de exposição.

— Fizemos com pouco dinheiro — ela disse. — Parece?
Ele deu de ombros.

— Um pouco, acho, mas você conseguiu fazer muito com praticamente nada. Isso é uma habilidade por si só. — Ele escreveu algo na folha de avaliação impressa na sua frente. — Notei alguns erros por volta de dez minutos, e, perto do final, o estrondo foi filmado algumas vezes, mas, tirando isso, você está

se saindo muito bem. Se fizer outra rodada de edições, deve estar pronto para enviar em janeiro.

Ela não conseguiu esconder o sorriso que ameaçava dividir seu rosto em dois. Esse curta-metragem fazia parte de sua avaliação final, e, se fosse bom o suficiente, deveria facilitar seu caminho rumo à formatura.

— E como está a busca por estágio? — ele perguntou.

O sorriso de Kitty vacilou um pouco. Ela tentou estabilizá-lo, os músculos das bochechas reclamando do esforço.

— Eu fiz algumas entrevistas, mas nada de concreto ainda.

— Tudo vai se ajeitar. Até o Kevin D’Ananzo conseguiu uma colocação.

Isso era para ter sido reconfortante, Kitty imaginou, mas era tudo menos isso. Mesmo que ele fosse o último da turma, as habilidades de entrevista de Kevin D’Ananzo eram, obviamente, melhores que as dela. Não era difícil: um coelho recheado provavelmente teria impressionado mais Drake Montgomery do que ela.

Enquanto colocava o notebook de volta na bolsa de couro, ela se despediu de seu orientador e se dirigiu ao campus a caminho da Biblioteca Young. O sol estava alto no céu azul-claro, a luz lançava sombras pelas calçadas de concreto enquanto os raios eram interrompidos pelas árvores verdes frondosas. O campus estava silencioso — a maioria dos estudantes já havia partido para as férias de inverno, e sua mente aproveitou o silêncio para se encher de preocupações sobre a falta de estágio, o trabalho final e as duas tarefas que deveriam ser cumpridas antes do Natal.

Havia quase chegado aos degraus da biblioteca — um edifício cinzento de concreto que sempre pareceu mais uma garagem do que um espaço de aprendizagem — quando o

celular começou a vibrar. Kitty se agachou, remexendo na bolsa de couro pesada até encontrar o telefone.

— Alô?

— É a Kitty Shakespeare? — A voz feminina tinha um sotaque característico. Por um instante, prendeu a respiração, se perguntando se finalmente conseguiria um estágio.

— Sou eu. — Nota dez para originalidade, Kitty. Realmente iria impressioná-los.

— O meu nome é Mia Klein. Ouvi dizer que você está procurando emprego.

Parecia um pouco grosseiro dizer que não fazia ideia de quem era Mia Klein.

— Humm, sim, é verdade. — Ela franziu a testa, tentando descobrir quem era. Havia comparecido a tantas produtoras que estava confusa. Mia Klein... Humm.

— Maravilha. Você pode começar amanhã?

Kitty piscou com a luz do sol. *Amanhã?*

— Eu me formo em janeiro — ressaltou. Qual seria a melhor maneira de perguntar, educadamente, quem era Mia e de que empresa ela estava ligando? — Na verdade, eu estou procurando uma colocação para depois disso. — Ela sentiu a animação crescer dentro de si. Será que finalmente conseguiria uma proposta?

— Você pode trabalhar meio período? — Mia perguntou. — Eu preciso mesmo de você o mais rápido possível. É muito importante.

— Acho que sim — Kitty falou, ainda agachada na calçada em frente à biblioteca. — Só que eu trabalho meio período em um restaurante, e esta é a época mais movimentada do ano. Eu precisaria cumprir o aviso-prévio.

— Você vai ser totalmente compensada. Se eu te passar um endereço, você pode vir amanhã? Não se esqueça de trazer seus

documentos e referências.

— Será que uma referência do orientador da faculdade é suficiente? — perguntou. Kitty não achava que o gerente do restaurante lhe daria alguma coisa se soubesse que ela sairia em breve.

— Eu queria que você me desse os detalhes dos seus empregos anteriores. Os de Londres.

Kitty franziu a testa.

— Mas lá eu era babá.

— Isso mesmo.

— Eles não vão saber te dizer se eu faria um bom estágio ou não — Kitty disse, ainda piscando em confusão. — O meu supervisor da escola de cinema vai estar muito mais apto a dizer isso.

Mia riu, e sua risada era tão estrondosa que Kitty sentiu como se a mulher fosse um gigante.

— Ah, não, eu não estou falando de estágio. Estou ligando para uma vaga de babá. Eu preciso de alguém para cuidar do Jonas, o meu filho, nos feriados. A nossa última babá pediu demissão, e a nova só vai começar em janeiro.

— Desculpe, você disse que o seu nome é Mia Klein? — Aquilo começava a fazer sentido.

— Sim. O assistente do meu marido me passou o seu currículo. Drake Montgomery. Acho que você o conheceu.

— Ah, sim. Conheci mesmo. — Ele deixou uma grande impressão, afinal. Especialmente quando abandonou a entrevista no meio.

— E então, você pode começar amanhã? — Mia perguntou. — Por volta das duas.

— Humm. — Kitty olhou para a biblioteca, as paredes cinzentas, as janelas brilhantes, seu corpo agachado refletido no vidro. O que a irmã mais velha sempre disse? Cavalos dados não

se olham os dentes. O único problema era que ela não tinha certeza se essa oferta se tornaria um presente ou um cálice envenenado. Não era um estágio. Não chegava nem perto disso. Mas era uma oportunidade de provar a si mesma do que era capaz e de se aproximar de um dos melhores produtores da cidade.

Pensou de novo na pilha de cartas de rejeição e em Kevin D'Ananzo, o pior aluno da turma, que conseguira alcançar o que ela achava tão difícil.

— Claro, estarei lá — ela finalmente disse, ficando de pé e pegando a bolsa. — Me passe o endereço.

2

Dizer o que sentimos, não o que deveríamos dizer.
— *O rei Lear*

— O seu irmão está de volta à cidade. Como você se sente em relação a isso? — Adam olhou para o terapeuta por um instante, esfregando o maxilar. Ele sentia como se um holofote se voltasse para ele toda vez que o homem lhe fazia uma pergunta. Quanto tempo mais teria de passar ali, respondendo a perguntas que enrijeciam todos os músculos do seu corpo? Fazia o que, três meses desde a primeira consulta? E levaria mais um mês até cumprir o compromisso.

Aquele que assumiu quando a polícia de Los Angeles concordou em liberá-lo só com uma advertência.

Outro mês de questionamentos. Ele poderia fazer isso, não poderia?

Moveu a mão até a nuca, esfregando a pele que coçava. Seu cabelo estava ficando comprido — mais do que nunca.

— Eu não o vi — Adam admitiu, puxando o colarinho da camisa xadrez. Até a menção do nome de Everett fazia sua pele se arrepiar. — Então isso não me faz sentir nada.

Por um momento, Martin, seu terapeuta, o encarou como se pudesse enxergar através da fúria, do cabelo e dos músculos que Adam cultivava como escudos.

— Mas ele está aqui na Virgínia? Vai ficar com os seus pais, certo?